

LUIZ FRANCISCO REBELLO

AS PÁGINAS ARRANCADAS

É URGENTE O AMOR




HUGIN

LUIZ FRANCISCO REBELLO

AS PÁGINAS
ARRANCADAS

É URGENTE
O AMOR

(nova versão)

Prefácio de Mário Cláudio

Capa e um desenho
de Francisco Simões



MARIANA,

É Urgente o Amor estreou-se no Teatro de S. João do Porto, encenada por António Pedro, na mesma noite em que fazias a tua primeira aparição na TV, em directo. Separavam-nos 300 quilómetros. Passei a noite entre os bastidores do teatro e um café próximo, onde um televisor transmitia a peça de que eras protagonista. No dia seguinte vieste juntar-te a mim e assististe à segunda apresentação.

Mas não quis o destino que pudesses assistir à representação da versão que neste livro se publica, nem conhecer a outra peça que a acompanha. Ao escrevê-la, a cada instante me interrogava sobre o que pensarias, e senti a falta que os teus conselhos e as tuas sugestões, sempre avisados, me faziam. Não sei, não posso saber, como ela seria se continuasses ao meu lado, mas sei que seria com certeza melhor.

Mesmo assim, é a ti que ela é dedicada. Como foram todas as outras, como serão as que porventura venha ainda a escrever.

E à Catarina, que continua ao meu lado.

Nota do Autor

Mais de quarenta anos separam estas duas peças. O amor é o tema de qualquer delas – amor negado numa, renegado na outra; e a morte, o remate de ambas. Porque a morte e o amor são inseparáveis, na literatura como na vida. E quando assim não acontece no teatro, é porque o pano caiu antes do fim.

Na sua versão inicial, era outra a estrutura de *É Urgente o Amor*. A acção do 1º acto precedia a morte da protagonista, e mostrava a série de acontecimentos que a empurravam para o abismo em que iria precipitar-se. No 2º acto decorria o inquérito policial sobre as causas da sua morte, e o último acto punha-a a dialogar com a consciência dos que dela eram responsáveis. Quando, em 1999, Pedro Wilson pôs a peça em cena, era por aí que começava, e depois a acção dos dois actos anteriores desenvolvia-se alternadamente. Receoso da minha desaprovação, Pedro Wilson pediu-me para assistir a um dos ensaios. Não só concordei com esta reconstrução do meu texto, como sugeri que ela fosse levada ainda mais longe, e transformei os diálogos do 2º acto entre o inquiridor e as várias personagens implicadas na morte de Branca em monólogos destas, intercalados na acção do 1º acto. Na nota que escrevi para o programa, disse que, se a tivesse escrito hoje, seria essa a forma que lhe daria – e por isso é sob essa forma que hoje de novo a publico (e desejo que assim passe a ser representada). É outra peça, e no entanto continua a ser a mesma. Porque hoje como há quarenta anos, porventura até mais do que há quarenta anos, “é urgente o amor”.